

## HORA DE CLARICE LISPECTOR JORNALISTA

Livro de Cida Nunes contribui para o reconhecimento da escritora nos textos da jornalista e seus pseudônimos

Marco Aurélio Reis\*

\* Jornalista, mestrando do Programa de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor da Universidade Estácio de Sá

CLARICE LISPECTOR JORNALISTA.  
NUNES, Aparecida Maria  
Belo Horizonte, Editora Senac, 2006.

Os 30 anos sem Clarice Lispector completados em dezembro de 2007 foram intensos em estudos para decifrar sua obra como escritora, mas muito tímidos ao analisar sua atuação como jornalista. Mesmo quando a crítica literária se dedica especificamente a colocar uma lupa na produção da escritora no duro processo de separação conjugal nos primeiros anos da década de 60 (foi em 1964 que a Editora do Autor publicou o livro de contos *A Legião Estrangeira* e o romance *A Paixão Segundo G. H.*), o ofício que lhe daria sustento após deixar o conforto financeiro do matrimônio com o diplomata Maury Gurgel Valente é só ligeiramente citado,

quando não é solenemente ignorado.

Parte dessa lacuna na análise da produção de Clarice Lispector vem felizmente, mesmo que aos poucos, sendo preenchida. São olhares que contribuem para o reconhecimento da escritora nos textos da jornalista e os pseudônimos usados por ela em função do medo de o trabalho em redações comprometer sua reputação como escritora de ficção. Interessante trabalho neste sentido é o livro *Clarice Lispector Jornalista* (Editora Senac, 2006, 296 páginas), da pesquisadora Aparecida Nunes. Nascida em Mogi das Cruzes (SP), cidade onde se graduou em Comunicação Social

(habilitação em jornalismo) e em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Aparecida Nunes dissertou no Mestrado e defendeu no Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) pesquisando textos que Clarice Lispector publicou na imprensa brasileira. Com isso, vem se destacando no papel de reparar essa ausência nos estudos sobre a obra da escritora, nascida em 1920 em Tchetelnik, na Ucrânia, sendo registrada com o nome de Haia Lispector.

Associando seus quinze anos como repórter e seus vinte anos como docente do ensino superior e de pós-graduação (hoje leciona no programa de Mestrado em Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde - Unincor -, na cidade mineira de Três Corações), Aparecida Nunes organizou no livro *Clarice Lispector Jornalista* minuciosa pesquisa entre textos inéditos da escritora publicados em colunas femininas dos jornais, sendo os pioneiros da década de 40 e os mais numerosos editados após a separação, em 1964, quando o ofício em redações ajudou a escritora a sustentar a família (seu filho mais velho, Pedro, apresentou ao longo da vida quadro agudo de esquizofrenia, exigindo de Clarice cuidados especiais e atenção redobrada).

Cida Nunes, como a professora é conhecida no meio acadêmico, convida o leitor nesse seu trabalho editado pela editora Senac a redescobrir a escritora no trabalho da jornalista da imprensa diária. Quase sempre esquecidos após a efemeridade de um dia de edição, os textos literários, quase-literários e mundanos publicados em jornais ganham, no caso de Clarice Lispector e seus pseudônimos, contorno bastante interessante. A autora consagrada buscou o sustento escrevendo para jornais e revistas de 1940 a 1977, ano de sua morte por uma súbita obstrução intestinal, em 9 de dezembro, véspera de seu 57º aniversário. São esses escritos que formam o objeto do estudo de Cida Nunes.

Cabe destacar aqui que nas décadas citadas, as mulheres não eram maioria nas redações dos jornais. Clarice, mulher de perfil introspectivo, seria doce exceção nesse cenário. Como destaca Alex Criado, em sua dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e Artes da USP, que resgatou o pioneirismo feminino nas redações brasileiras em meados do século XX através dos depoimentos de três jornalistas: Ana Arruda Callado, do *Jornal do Brasil* no período estudado; Helle Alves e Neusa Pinheiro, dos *Diários Associados*. As três jornalistas foram escolhidas porque trabalharam na reportagem, considerada

pelo autor espaço privilegiado da ação jornalística. Esse critério tirou Clarice Lispector e suas páginas femininas do foco da pesquisa, apesar de ser ela uma das pioneiras desse período, só que não atuante na reportagem.

Mediante uma crítica literária sensível, a pesquisadora Cida Nunes vai chamar a atenção para esse pioneirismo de Clarice, colocando uma lupa sobre temas, situações e ambientes abordados na produção da jornalista que posteriormente seriam encontrados nos romances da escritora. Chama a atenção para o fato de as páginas femininas na imprensa, onde Clarice teria de falar de moda, beleza e comportamento, terem servido de trincheira para ela contornar a idéia predominante nessas seções, que diminuía a mulher a desempenhar papel menor na sociedade. Deixa, felizmente, que a autora se revele ora inteira ora em partes nos textos selecionados após longa pesquisa em arquivos da Biblioteca Nacional, Casa Rui Barbosa e jornais do Rio de Janeiro, entre outros centros de memória. Explica contextos, natureza das publicações e situa temas no tempo em que foram pinçados por Clarice Lispector. Bem diferente, portanto, da interessante coletânea dos textos de Clarice editados na imprensa e reunidos na coletânea *Correio Feminino* (Editora Rocco, 2007),

outra obra da professora Cida Nunes, que neste caso selecionou artigos e notas de Clarice Lispector publicados em colunas e suplementos femininos editados no Brasil nas décadas de 50 e 60. Com isso, a pesquisadora permite um panorama da visão sobre a mulher naquelas duas décadas, revelando Clarice e seu pensamento de forma indireta.

Diferentemente do que fez no livro *Correio Feminino*, no *Clarice Lispector Jornalista* Cida Nunes se prepõe a fazer um resgate oral da trajetória de escritora na imprensa brasileira a partir de longas entrevistas com jornalistas que conviveram com Clarice nas redações. Dessas entrevistas extraiu depoimentos diversos, uns de caráter documental pelo detalhamento (caso de Alberto Dines, com quem Clarice trabalhou no *Jornal do Brasil*), outros verdadeiras raridades por infelizmente não poderem mais ser tomados, caso do obtido com Antonio Callado, cujos dez anos de morte foram completados este ano (2007).

Cida Nunes buscou ainda depoimentos da escritora sobre sua relação com a atividade jornalística. Debruçada nas entrevistas concedidas por Clarice sobre o período em que atuou como cronista semanal do *Jornal do Brasil*, a pesquisadora descobriu que a escritora tinha com clareza a efemeridade daqueles

textos que, no entanto, foram importantes para popularização de sua obra e diversificação de seu público.

"Eu me orgulho de tudo o que faço e fiz. O Jornal do Brasil é mais um trabalho de rotina. Faço textos enquanto o tempo permite. É um grande jornal. Me dá essa chance de um emprego que me satisfaz. Além disso, não existe problema de adaptação. Meus textos para o jornal são variados, sem esquema, livres. Tenho liberdade de escolha. Estou muito satisfeita. Mas isso não me impede de parar a qualquer dia. Minha vida se resume nos momentos de cada dia. Não tracei um futuro com planos. O futuro virá por si mesmo" (p. 93, citando entrevista de Clarice concedida para o Jornal da Tarde em 1972).

O crivo de pesquisadora aliado à inquietação de jornalista fizeram Cida Nunes desprezar a fonte fácil e não sossegar enquanto não se aproximou do fato real, do texto inaugural, da referência precisa. Esse rigor é o ponto alto do livro *Clarice Lispector Jornalista*. Logo nas primeiras páginas, com o prazer de um repórter que dá o retorno da pauta para o imaginário leitor-editor, a professora aponta em qual publicação saíram impressas as primeiras letras de Clarice Lispector em jornais e o mais saboroso, o

conteúdo proposto.

Foi Alberto Dines que revelou à pesquisadora que, por acaso, encontrou entre seus guardados o primeiro texto de Clarice, publicado na edição de 11 de maio de 1940, na revista Pan, de Tasso da Silveira, edição que trazia artigos sobre a 2ª Guerra Mundial e um conto de uma autora então desconhecida sobre uma mulher que acabara de se separar do marido. As linhas já apontam para aonde iria a escritura de Clarice.

"Vai até a pia e molha o rosto. Sensação de frescura, desafogo. Está despertando. Anima-se. Trança os cabelos, prende-os para cima. Esfrega o rosto com sabão, até sentir a pele esticada, brilhante. Olha-se no espelho e parece uma colegial", inicia Clarice. "Procura o batom, mas lembra-se a tempo de que não é mais necessário", completa a autora em seu texto inaugural reproduzido na bela edição de Cida Nunes pela editora Senac.

O ano de 1940 é, a propósito, de intensa produção para a escritora. Depois da Pan, publica na revista Vamos Ler!, de Raymundo Magalhães Júnior, o conto *Eu e Jimmy*.. No mesmo ano, no mês de agosto, Clarice perde o pai, Pinkouss Lispector, e possivelmente sob o efeito dessa morte, amplia sua produção e

escreve os contos *A fuga*, *História interrompida* e *O delírio*. A partir desses textos consegue emprego como redatora e repórter da Agência Nacional, onde conheceu Antonio Callado, dando início a sua carreira como jornalista que duas décadas depois iria ser fundamental para seu sustento e de seus filhos após a separação.

Do texto inaugural na revista *Pan* e dos primeiros contos da década de 40 às últimas entrevistas feitas por Clarice para revista *Fatos e Fotos/ Gente*, Cida Nunes revela uma escritora que se formou em Direito sem nunca ter exercido a profissão, que se casou com colega de turma que virou embaixador, que teve filhos, morou no exterior, se separou e chegou a trabalhar em páginas femininas de jornais diários por necessidade financeira. Fala do magnetismo de Clarice e de como ela era aberta a críticas de seus diferentes editores, como o polêmico Paulo Francis, morto também há dez anos.

Metade do livro em diante se dedica às tais páginas femininas, assinadas por pseudônimos (Tereza Quadros e Helen Palmer) e à coluna que escreveu como *ghost writer* da atriz Ilka Soares, estrela de cinema da Vera Cruz e da Atlântida. Nelas deveria falar de beleza, moda e comportamento. Foi além. Tratou de erotismo, da mulher e seu papel na

sociedade e experimentou ambientações psicológicas que depois iriam ampliadas para seus romances.

No jornal *Comício*, que começou a circular em 1952, e sob o pseudônimo Tereza Quadros, Clarice Lispector mergulha nos textos para o universo feminino com a certeza de que "tinha que manejar uma linguagem mais despojada e adotar um discurso calcado na estética da imprensa feminina, construída no tom de conversa íntima, afetiva e persuasiva", como destaca Cida Nunes já no prefácio. Ela escreveria a página "Entre Mulheres", a pedido do amigo Rubem Braga, até embarcar, grávida, com o marido para a capital norte-americana, onde permaneceria por oito anos e daria partida as primeiras linhas do romance *A veia no pulso*, que viria a se chamar *A Maçã no Escuro*, ao ser publicado em 1961.

É perto da separação, já nos primeiros anos da década de 60, que Clarice, escrevendo para o jornal *Correio da Manhã* e sob pseudônimo Helen Palmer, vai surpreender ao falar com maestria sobre cuidados com a pele e com os cabelos. É no mesmo período que a escritora vai atuar como *ghost writer* de Ilka Soares na coluna "Só para mulheres", editada pelo *Diário da Noite*. Agora, assumindo o nome de personalidade conhecida, modelo e atriz de renome e

com fãs pelo País inteiro, iria tratar do mundo das passarelas e das celebridades. É no Diário, então ano formato tablóide, que Clarice Lispector vai se mostrar ainda mais jornalista, ajudando no formato e na diagramação da coluna de uma página.

Freqüentemente comparada com a escritora inglesa Virginia Woolf e com o tcheco Franz Kafka, Clarice, ucraniana, mas naturalizada brasileira, não é uma unanimidade entre os críticos literários, sobretudo por sua produção mais enigmática com ares melancólicos. É, no entanto, incensada pelo consagrado *Hora da Estrela*. Em suas páginas e colunas femininas surge menos ambiciosa, mas ainda em meio a palavras simples, suas preferidas. É para isso que a professora Cida Nunes chama a atenção, deixando clara sua admiração pela escritora-jornalista.

#### REFERÊNCIAS

BORELLI, Olga. Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BOSI, Alfredo. Clarice Lispector. In: História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1989.

CRIADO, Alex. Repórteres pioneiras: Resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral, São Paulo, ECA-USP, 2000. (dissertação de mestrado)

GOTLIB, Nádía B. Clarice - uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. A hora da estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1996. (Roteiro de Leitura).

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector Jornalista, Belo Horizonte, Editora Senac, 2006.

NOVELLO, Nicolino. O ato criador de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Presença/MinC/Pró-Memória/INL, 1987.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil. São Paulo: Ática, 1990.

WALDMAN, Berta. Clarice Lispector - A paixão segundo C. L. São Paulo: Escuta, 1992.